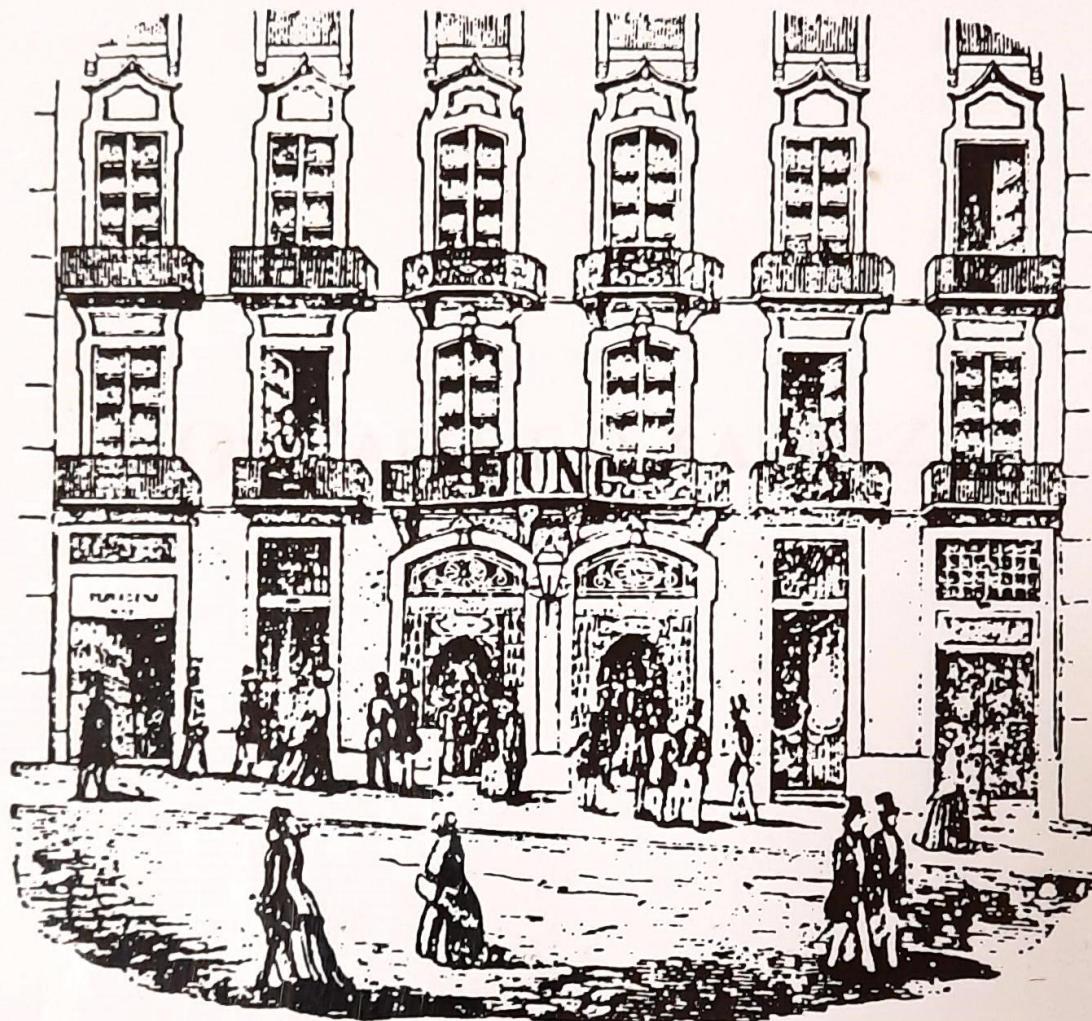


OS CAFÉS E O XADREZ



O Chiado,

*O prédio do Marrare.
Nas portas centrais, o café
— no 1.º andar, o alfaiate Jung
(Gravura de A Semana, 1851)*

Mário Silva Araújo

OS CAFÉS E O XADREZ

O célebre Café de la Régence, em Paris, conhecido como a antiga "catedral" do xadrez europeu remonta ao século XVIII. Até 1740 era um local de convívio de artistas e escritores. Naquele ano, um grupo de intelectuais e músicos, liderado pelo famoso jogador de xadrez Kemur de Legal, que deixou o seu nome ligado ao popular mate Legal, implantou este passatempo nas magníficas instalações deste Café. Daqui para diante, os entusiastas podiam recriar-se durante o dia e a noite até às tantas da madrugada. O mais importante xadrezista e cliente foi François André Philidor, notável compositor, autor de várias óperas. Com a idade de catorze anos venceu todos os adversários, causando espanto e admiração pela sua categoria e por se tratar dum jovem, numa época em que este jogo era praticado somente por intelectuais de barba e de chapéu alto. Durante a sua carreira, venceu as partidas que disputou, em Paris e Londres, contra os adversários mais credenciados daquele tempo, ficando para a história como um dos melhores xadrezistas do mundo.

Pelo Café de la Régence passaram xadrezistas de renome, tais como Bourdonnais, o inglês Stauton, o norte-americano Paul Morphy e, mais tarde, os campeões do mundo José Raul Capablanca e Alexandre Alekhine. Outros clientes assíduos que mostraram todo o seu virtuosismo na arte do xadrez, foram Robespierre, Thomas Jefferson aquando embaixador em Paris, Voltaire, Napoleão, Rousseau, Leão Tolstoi, Sergei Prokofiev, etc. Em 1721, existiam, na cidade-luz, perto de trezentos Cafés. Presentemente, o total de cafés ascende a cerca de três mil. Todos eles, salvo raras exceções, têm resistido às evoluções sociais e políticas, nomeadamente à Revolução Francesa.

Em Londres, à semelhança de Paris, existem também milhares de cafés ("Coffee Houses"). Em 1682 é inaugurada a primeira "Coffee House", um local de convívio e de lazer com um misto de madeiras exóticas, essência de sândalo e café.

Aqui reuniam-se políticos e banqueiros que abordavam os grandes problemas financeiros do país. Outro famoso Café é o "Slaughter's Coffee House" lugar onde se desenrolou o "match" de xadrez entre François-André Philidor e Phillip Stamma. Philidor averbou 8 vitórias, 1 empate e 1 derrota.

Viena, capital do mundo da música clássica, possui cerca de 2000 Cafés, alguns deles com nomes de compositores famosos como o Mozart, o Sacher, o Tyrol, o Demel e o Sirk este, em tempos idos, preferido por imperadores e pela nobreza. Muitos dos Cafés de Viena são autênticas "catedrais" do diálogo e da música. Em certos Cafés joga-se o xadrez e o bilhar, não faltando obviamente, a música de câmara à noite ou nas tardes dos fins de semana ou feriados a cargo de trios ou quartetos constituídos por profissionais de ambos os sexos. O Café "Majestic" é talvez o mais popular e um dos mais sumptuosos de todos eles. Trata-se dum lugar onde se toma uma boa bica ou se saboreia uma boa refeição ao som de música executada por músicos credenciados.

Em muitas outras capitais ou cidades europeias nomeadamente Budapeste, Nápoles, Roma, Madrid e Constantinopla proliferam os Cafés pelas suas vielas, ruas, avenidas ou praças. Os mais antigos constituem autênticos patrimónios históricos. Em Constantinopla já no século XV individualidades de vulto, com os seus mantos pomposos e coloridos, jogavam o xadrez e o gamão em confortáveis locais de convívio bebendo o aromatizado café tomado em preciosas alfaias em ouro e prata.

A verdade é que o café como uma bebida apetecível nunca mais deixará de ser um pretexto para os intelectuais, músicos, artistas e políticos, confraternizarem e discutirem tudo o que lhes vem à cabeça. Por sua vez, o Café será, também, sempre um lugar onde os xadrezistas têm a oportunidade de praticarem o xadrez e os bilharistas de jogarem o bilhar.

Certos jogadores de café - designação genérica por que são conhecidos os competidores que não se dedicam a sério ao xadrez -, também, participam em provas oficiais. George Treysman, norte-americano, é um bom exemplo. Jogador com pouca teoria, mas, sobredotado, classificou-se, surpreendentemente, no 3º posto, em 1936,

do Campeonato dos Estados Unidos da América do Norte. Treysman prestava-se a receber dinheiro dos seus opositores de ocasião no seu clube, para lhes conceder o privilégio de o defrontar.

A motivação dos jogadores de competição é, essencialmente, não só sentir o prazer de conduzir uma partida de xadrez, mas, também, a ambição de atingir o topo das suas carreiras, de ganhar prémios pecuniários e troféus, ou, ainda, de melhorar o seu "ranking" (ELO). Quanto aos jogadores de café, são motivados, igualmente, pelo prazer que uma partida de xadrez proporciona e, sobretudo, pela vontade de vencerem rapidamente. Por outro lado, quando estão perdidos, esforçam-se por lutar até o monarca cair, ou melhor, "morrer mas devagar" como bradou el-rei D. Sebastião, desesperado, em Alcácer Quibir, quando tudo estava perdido. Nas partidas "a feijões", eles jogam, descontraidamente, sem a responsabilidade no resultado e libertos da carga psicológica e nervosa duma competição a sério, assim, abstraem-se, por momentos, das preocupações do dia a dia.

Em virtude do xadrez ter sido concebido à imagem da guerra, em que o tabuleiro é um campo de batalha em miniatura, eles desempenham o papel de um general, ao manobrarem os peões e as figuras como se tratassem de forças militares, em plena acção. Uns são ousados, efectuando manobras arriscadas e ataques frontais ao rei sem se cingirem muito à teoria, outros preferem táticas mais cautelosas aguardando o precipitar dos acontecimentos. Alguns deles são capazes de lutar quatro horas ou mais, com o objectivo de matarem simultaneamente o tempo a cabeça e o rei do adversário. Este recreio significa o mundo em que vivem e o local constitui o prolongamento do lar. Filosófica e humoristicamente dizem: "-primeiro executa-se o lance e depois pensa-se". Os seus contestatários, por sua vez, argumentam: "-são curiosos que só sabem empurrar a madeira". O humor é a faceta do xadrez, essa desconhecida.

Predomina um denominador comum em relação aos jogadores de torneio e de café, tanto uns como outros dão largas à imaginação e à criatividade, fazendo concorrência ao melhor programa de xadrez para computador. O benefício do xadrez

recreativo é proporcionar às pessoas de todas as idades e classes sociais um convívio, num relacionamento humano sem barreiras, e um *hobby* intelectual e espiritual agradável, contribuindo para serem felizes, numa sociedade marcada pelo materialismo e pelo individualismo.

Enquanto que por essa Europa fora os Cafés têm vindo a ser preservados na sua maioria para servirem os cidadãos e os turistas, em Lisboa desapareceram na totalidade à excepção de dois. A história dos Cafés na capital regista três gerações: a primeira, anterior ao terramoto de 1755; a segunda relativa ao período pombalino; e a terceira a da época romântica até aos nossos dias.

Na história da cidade de Lisboa consta que a origem dos lugares de reunião e de lazer reporta-se à época dos Descobrimentos Marítimos, e que tais locais, denominados botequins, eram pequenos e desconfortáveis, iluminados por velas e por azeite de oliveira e de purgueira, onde se matava o bicho. Foi só a partir do terramoto de 1755 que surgiram os verdadeiros Cafés onde se serviu, pela primeira vez, o café em chávena. O Marquês de Pombal teve o bom senso de recomendar aos arquitectos destacados para trabalharem na reconstrução da cidade, espaços reservados para este género de negócio, em nome não só de um ordenamento urbano equilibrado e criterioso, mas, também, dos cidadãos com direito ao bem-estar e ao lazer. O Marquês de Pombal deixou bem claro que este tipo de estabelecimento não se destinava exclusivamente a dar lucro. De 1780 a 1810, contavam-se cerca de vinte pertencentes à segunda geração. Salientam-se o Nicola, fundado em 1789 que, em 1929, se mudaria para o Rossio, o Minerva, o Lusitano, o Martinho da Arcada, etc. Estes lugares de convívio situavam-se, na sua maioria, no eixo-citadino Cais do Sodré-Rossio. Em alguns deles jogava-se a laranjinha, o chinquillo e o bilhar.

A partir de 1846, com o advento da iluminação a gás, estes estabelecimentos pombalinos foram dando lugar à terceira geração que, por volta de 1901, passaram finalmente a ser iluminados a electricidade. Em alguns deles, manteve-se o bilhar, mas os outros divertimentos extinguiram-se, como todas as modas, e foram substituídos pelo dominó, pelo jogo de damas e pelo xadrez.

Os Cafés mais conhecidos, na baixa citadina, eram o Marrare inaugurado em 1825, famoso lugar que simbolizava a Lisboa romântica, frequentado por personalidades ilustres, como Alexandre Herculano, António Castilho, Passos Manuel, Eça de Queirós, Fialho d'Almeida etc. Aqui, discutiam-se composições de governos, insultavam-se os ministros e até se combinavam duelos. O Conde de Lavradio não se conteve, um dia, de desabafar nas redacções dos jornais: "-O país está a ser governado nos Cafés"; o Central, na Rua Garret onde pontificavam Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós; o Café Suisse que ocupava quatro portas do prédio na esquina norte do Largo D. João da Câmara. Foi inaugurado em 1847 e era frequentado por políticos e homens de letras. Aqui praticava-se o xadrez, o jogo de damas e o gamão. Na Revista Municipal, de 1948, Nº 56, na crónica "Cafés e Botequins", lê-se a seguinte passagem: «assistia-se nesta casa (Café Suisse) a conversações animadas, segredos aos ouvidos uns dos outros, alguns apertos de mão: observavam-se frequentadores que tomavam o seu café, e *militares* sentados fraternalmente em bancos jogando o xadrez e fumando».

O Martinho do Rossio, localizado na Praça D. João da Câmara, fundado em 1845. Os Xadrezistas mais assíduos eram os mestres Luis Sarrea, Francisco Lupi e Mazoni da Costa, e ainda Carlos Pystone, Manuel Esteves, José Castelo Branco, Eng. Rodrigues da Silva, Manuel Antunes, Prof. Morais David, etc. Alexandre Alekhine campeão do mundo vários anos aquando das suas três estadas em Lisboa demonstrou aqui a sua grande classe de jogador. Este lugar era o predilecto dos artistas e personalidades das Letras como Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Almada Negreiros, e dos republicanos, cuja figura de proa era o escritor e jornalista João Chagas. Em 1968, depois de cento e vinte e três anos de actividade, foi trespassado á UNICRE - Cartão Internacional de Crédito S.A. e ao Banco do Alentejo que, posteriormente, viria a ser uma dependência do Banco Fonsecas & Burnay.

O Palladium, na Praça dos Restauradores, com grande afluência de xadrezistas tais como: o mestre internacional Joaquim Durão, os mestres Mário Nunes dos Santos, António Rocha e Marçal Rocha, e ainda tantos outros como: N. Vichzky,

Raul Negrão, Dr. Adelino Galhardo, Dr. Sousa Dias, Ernani Caldeira, Barros e Sá, Francisco Gentil Moradas. O Avis também localizado na Praça dos Restauradores, lugar onde se reuniam os sportingistas para debaterem os problemas do clube, e os fracassos e os êxitos da equipa de futebol; o grandioso Chave d'Ouro situado no Rossio que passou, em 1960, a ser uma Dependência do Banco Nacional Ultramarino, uma mudança de ramo fechada com chave de ouro; o Nacional que funcionava como café-concerto para os apreciadores de música, do chá e torradas, e da bica e do bagaço.

Citados os cafés mais populares na área da Baixa citadina, resta-nos referir alguns Cafés que se situavam noutras zonas da cidade. Entre eles, destacam-se o Monte Carlo, na Av. Fontes Pereira de Melo, perto da praça Duque de Saldanha, sem a roleta e o bacará, mas, com mesas de xadrez a funcionar de tarde e de noite. Os xadrezistas mais conhecidos que jogaram neste local foram: o mestre internacional Fernando Silva, o mestre FIDE João Cordovil, os mestres José Maria das Dores, Masoni da Costa e António Vinagre, e ainda outros xadrezistas como o padre Jacob Ximenes, Raul Eduardo, Bailão Lopes, o pintor Júlio Pereira, Raul Sá Martins, José Godinho, Carlos Alberto Rodrigues entre outros.

A Cubana, situada na esquina da Av. da República com a Av. Miguel Bombarda. Por aqui passaram jogadores de xadrez, nomeadamente João Soares, o poeta Alexandre O'Neill, Burnay Bastos, o jornalista Renato Boaventura, Henrique Morais Sarmento e eu próprio; o Ribatejano, na Rua dos Anjos junto à Av. Almirante Reis. Neste Café saboreava-se um bom bife e um bom café, e jogava-se o bilhar, o jogo de damas e o xadrez; o Refúgio, na Praça do Areeiro, junto à Av. Almirante Reis. Neste local registamos a passagem dos seguintes xadrezistas: Mestre António Rocha, Afonso Romano, Rui Romano, Jorge Garrana, o realizador de cinema Fernando Lopes, etc..

Dois Cafés sobreviveram para inglês ver: o Nicola e a Brasileira do Chiado. O primeiro foi o Quartel General de Manuel Maria Barbosa du Bocage, e dos seus companheiros do Grupo Nova Arcádia. O segundo, fundado em 1905 e, remodelado

doze anos depois com o visual que tem actualmente, foi cenáculo de escritores e artistas. Era um dos locais favoritos de Fernando Pessoa que voltou ao mundo, e resolveu sentar-se a uma mesa, na esplanada, ao pé de António Ribeiro Chiado para fazer-lhe companhia. Estará Fernando Pessoa a meditar neste seu belo poema?: "A glória pesa como um fardo rico, / A fama como a febre. / O amor cansa, porque é a sério e busca, / A ciência nunca encontra, / E a vida passa e dói / porque o conhece... / O jogo de xadrez / Prende a alma toda, mas, perdido, pouco / Pesa, pois não é nada".

O desaparecimento dos Cafés foi influenciado pela transformação progressiva e radical dos hábitos das pessoas a seguir à segunda guerra mundial. A vida social tão antiga e de gratas tradições, especialmente, nos clubes desportivos e colectividades de recreio, deu lugar à vida individualista das pessoas lançando-as na solidão. Os lisboetas optam, agora, por ficar em casa a ver programas de televisão e, nos fins de semana, vão passear de automóvel, servindo-se deste meio de transporte como um escape para se libertarem do *stress* acumulado ao longo da semana. Esta triste realidade, de que o xadrez recreativo é uma das vítimas, deixa a capital mais desumanizada e descaracterizada, e o seu património histórico mais pobre.

Face a tudo isto, os jogadores de café recolheram-se no Ateneu Comercial de Lisboa que possui uma das melhores instalações da Europa para a prática deste jogo. Estes entusiastas representam uma espécie em vias de extinção e aquela colectividade de utilidade pública representa o seu derradeiro refúgio. Dado que a História se repete, resta aguardar o ressurgimento da quarta geração de Cafés, a fim de Lisboa regressar aos seus bons velhos tempos para que não se diga que a modernidade e a fúria do materialismo tenham, por força, de constituir um xeque-mate ao xadrez.

Mário Silva Araújo

15.08.1997

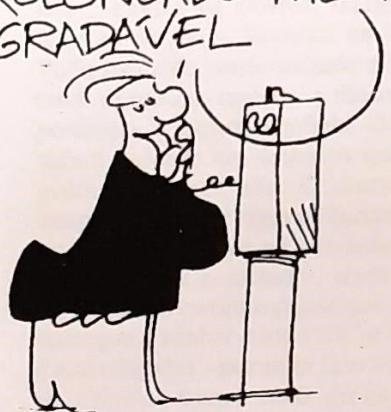
Humor negro

Páscoa de 1993. Pseudo passeio de fim
semana. Diário de Notícias de 10.4.1993

SIM? ESTOU?
OLA, SOU EU! ESTAS
BOA?



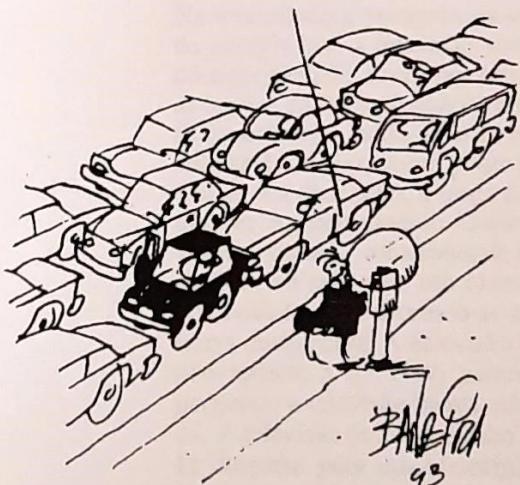
SIM, SIM, ESTAMOS
A PASSAR UM
FIM-DE-SEMANA
PROLONGADO MUITO
AGRADAVEL



APROVEITAMOS PARA
CONHECER MELHOR
O PAÍS



MILÍMETRO
A MILÍMETRO



Desfecho deste fim de semana:

feridos 575

mortos 33

total 608

informaçao de jornal "ACapital"
de 12.04.1993

A mais terrível concorrência de toda e qualquer actividade desportiva, cultural e recreativa.

CRÓNICA

O caixote

PEDRO ROJO DUARTE

Portugal apenas acredita no que vê, apenas confia em imagens e em caras conhecidas e em estilos fabricados. A palavra, que é a mais nobre e bela invenção do homem, perde valor, eficácia. Acima de tudo, perde sentido. Porque a obsessão da imagem substitui a inteligência do raciocínio.

adormecer profundamente estúpido. A televisão fala, a televisão manda, a televisão diz, a televisão mata, a televisão fere. E, no fim, a televisão desliga-se e Portugal dorme. Sem pensar, sem querer pensar.

Nunca se viveu esta histeria colectiva à roda de um caixote de uma forma tão violenta como agora: os jornais andam a reboque das imagens da TV, os críticos de cinema são críticos de televisão, os críticos de nada criticam a televisão. À pergunta mais básica do mundo – o que é uma notícia? – cresce a resposta mais falaciosa de todas: é o que dá na televisão. Portugal só acredita no que vê, só confia em imagens e em caras conhecidas e em estilos fabricados. A palavra, que é a mais nobre e bela invenção do homem, perde valor, eficácia. Acima de tudo, perde sentido. Porque a obsessão da imagem substitui a inteligência do raciocínio. O que a gente sabe é exclusivamente o que vê. Xanana Gusmão numa sala de tribunal, que presumivelmente não deveria ser vista na minha sala de estar. Logo a

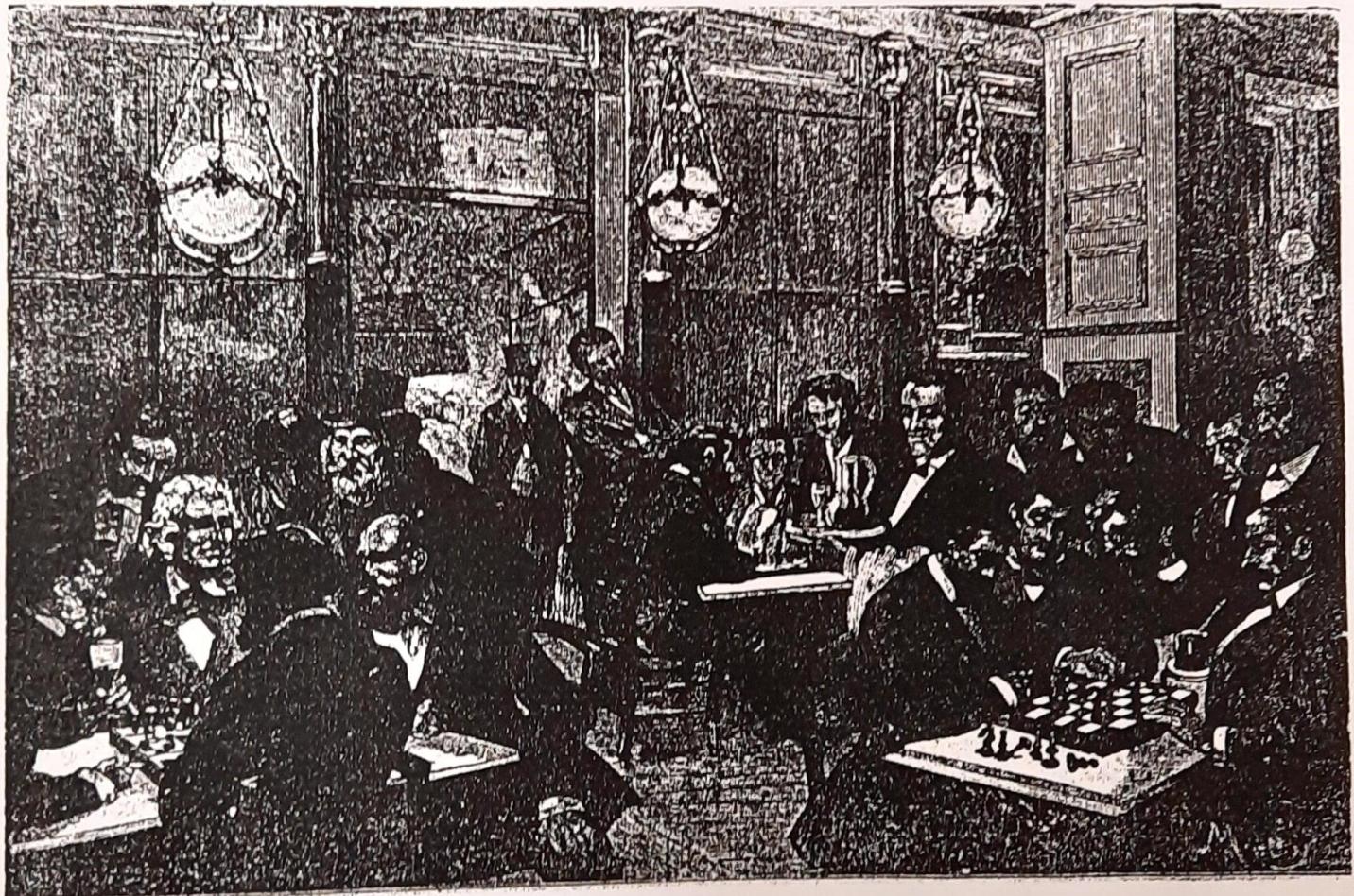
HÁ UM CAIXOTE por aí a dar-nos cabo da cabeça, das ideias, dos desejos. É um caixote pequeno que nos desfaz as ilusões, que nos cria falsos apetites, que subverte o pensamento, que nos ensina a distinguir o bem do mal, o que existe do que não existe. Toda a gente já sabia que o caixote fazia mal à cabeça. O que ninguém sabia era que o caixote iria ser uma obsessão nacional, uma espécie de mafia a espalhar tentáculos por todos os neurónios nacionais, uma polícia silenciosa e invisível que nos controla, que nos aperta, que nos sufoca. Portugal está obcecado pela imagem e está a perder a cabeça à roda de um caixote chamado televisor. É muito triste ver um país que nunca foi muito inteligente

seguir o dr. Mário Soares dança numa discoteca. Junta-se um crime na Madeira, mortos na Bósnia, imagens de arquivo de Jonas Savimbi na Jamba. Tudo reduzido, uniformizado e formatado. O mesmo registo, a mesma importância, a mesma verdade. Uma ditadura baseada em critérios que ninguém sabe quais são. O fascínio da imagem está a dar lugar ao fascismo da imagem. Quem não vê não sobrevive. O que é mais assustador, neste fenômeno que se instituiu desde que a RTP começou a sonhar com a SIC e a TVI, é que ninguém – por mim falo – resiste ao caixote. Como uma droga dura, chama por nós de mansinho, agrada-nos, fascina-nos, fala-nos ao coração. Quando acordamos, estamos agarrados como qualquer desgraçado toxicodependente. E sabe-nos bem mais uma dose.

Na avassaladora voragem da corrente de energia que a televisão lança sem dó nem piedade, caem por terra todas as teorias da comunicação como valor acrescentado à vida, como base da cultura das ideias, como ponto de partida para a discussão, a troca de informações, o conhecimento. O que a televisão devia ser – uma fonte de interrogações, um estímulo, um exercício de criatividade – transformou-se num inferno obrigatório. A televisão afirma, não aponta; a televisão garante, não pergunta; a televisão prova, não duvida. A televisão está a dar cabo de nós. Já ninguém pára um bocadinho para pensar.

E continua. Amanhã nasce um novo canal de televisão em Portugal e eu não acho graça nenhuma ao que vai suceder. Cercado e sufocado pela fúria diária das conversas à volta das evidências que o caixote mostrou na véspera, espera-me o pior: ser obrigado a ver, todos os dias, um bocadinho de um dos quatro retratos no mundo. Tenho de ver para poder viver, para poder falar, para estar a par, para participar na mais trivial das conversas de café. O caixote começa a irritar-me profundamente. E quanto mais toma conta da minha casa, da minha cabeça, da minha vida, mais me apetece enterrar a cabeça num livro e continuar a amar as palavras. Escritas, muito bem escritas.

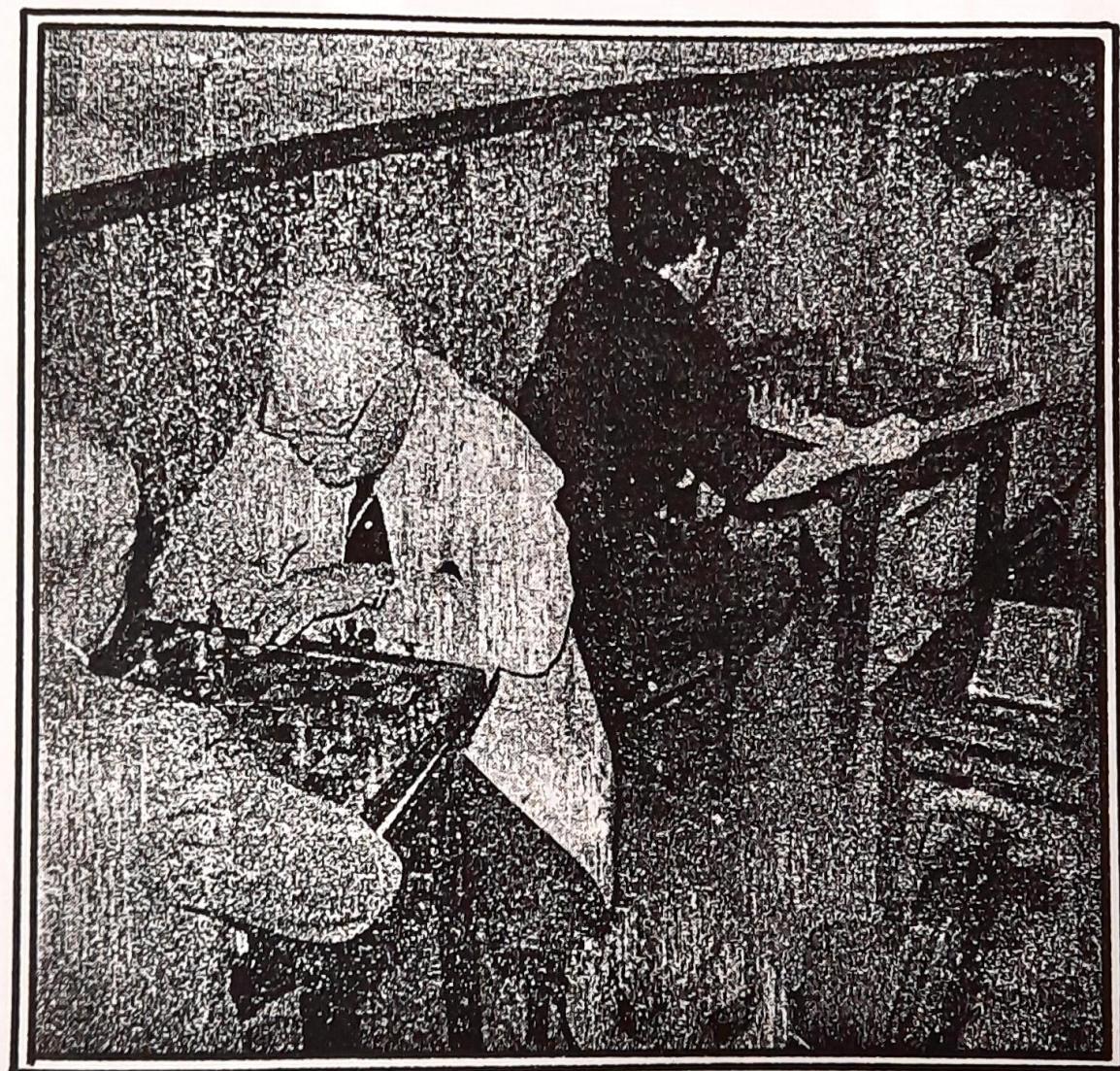
Opening pages: Lithograph "The Chess Game" by Louis Bouilly, French genre painter (1710-1845). Below: Café de la Régence during telegraphic match between Paris and Vienna. Tchigorin watches move by M. Rosenthal (at table, r). From Le Monde Illustré.



XADREZ RECREATIVO OU SOCIAL

Café "Monte Carlo" em 1972

Entusiastas em plena ação



Fotocópia de uma fotografia inserida no "Diário Popular",
de 30.08.1972

SALA DE XADREZ DO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA
Ano de 1992

Sócios e mirones em ação

O XADREZ RECREATIVO

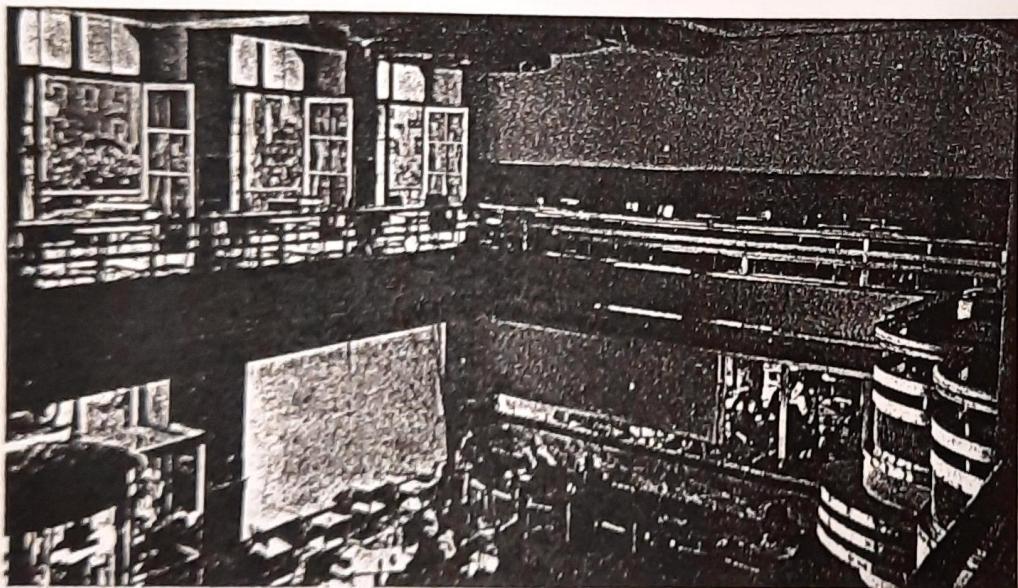
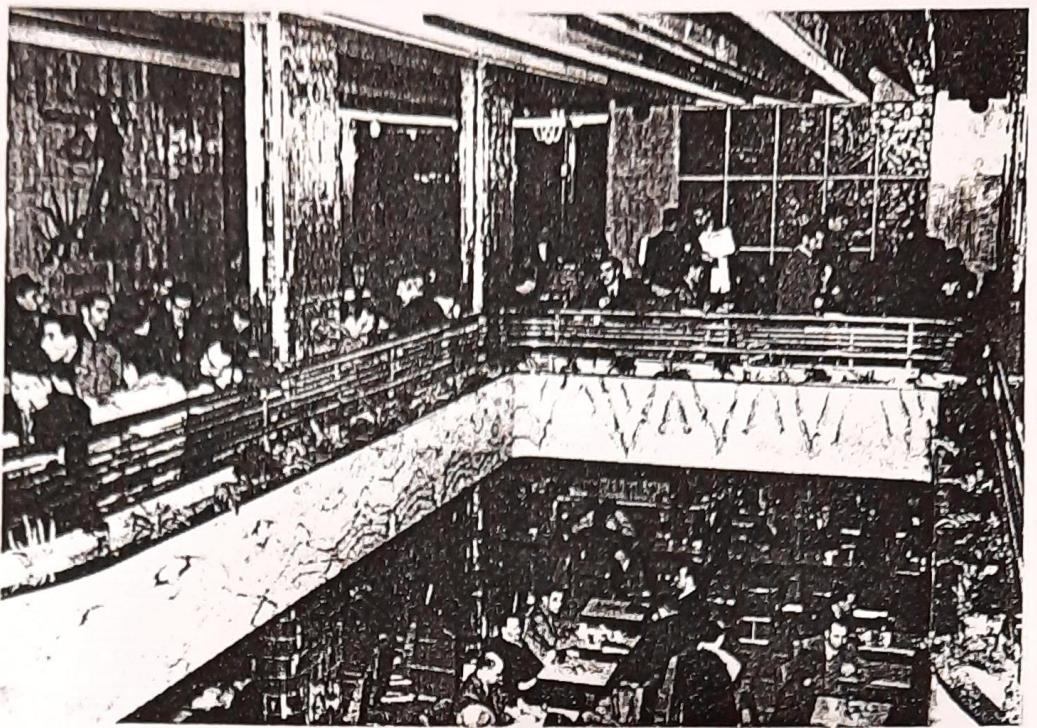


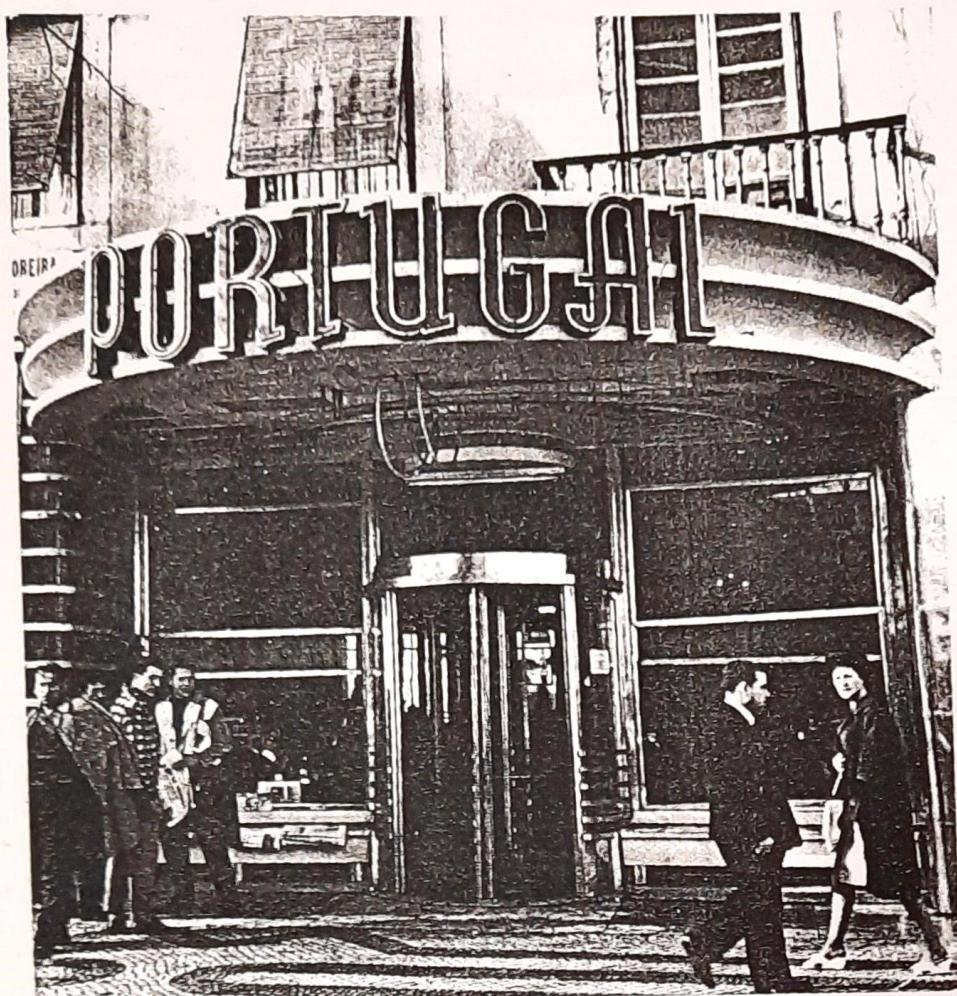
Aspecto parcial da sala. Ao fundo a biblioteca de xadrez do Dr. Mário P. Machado.



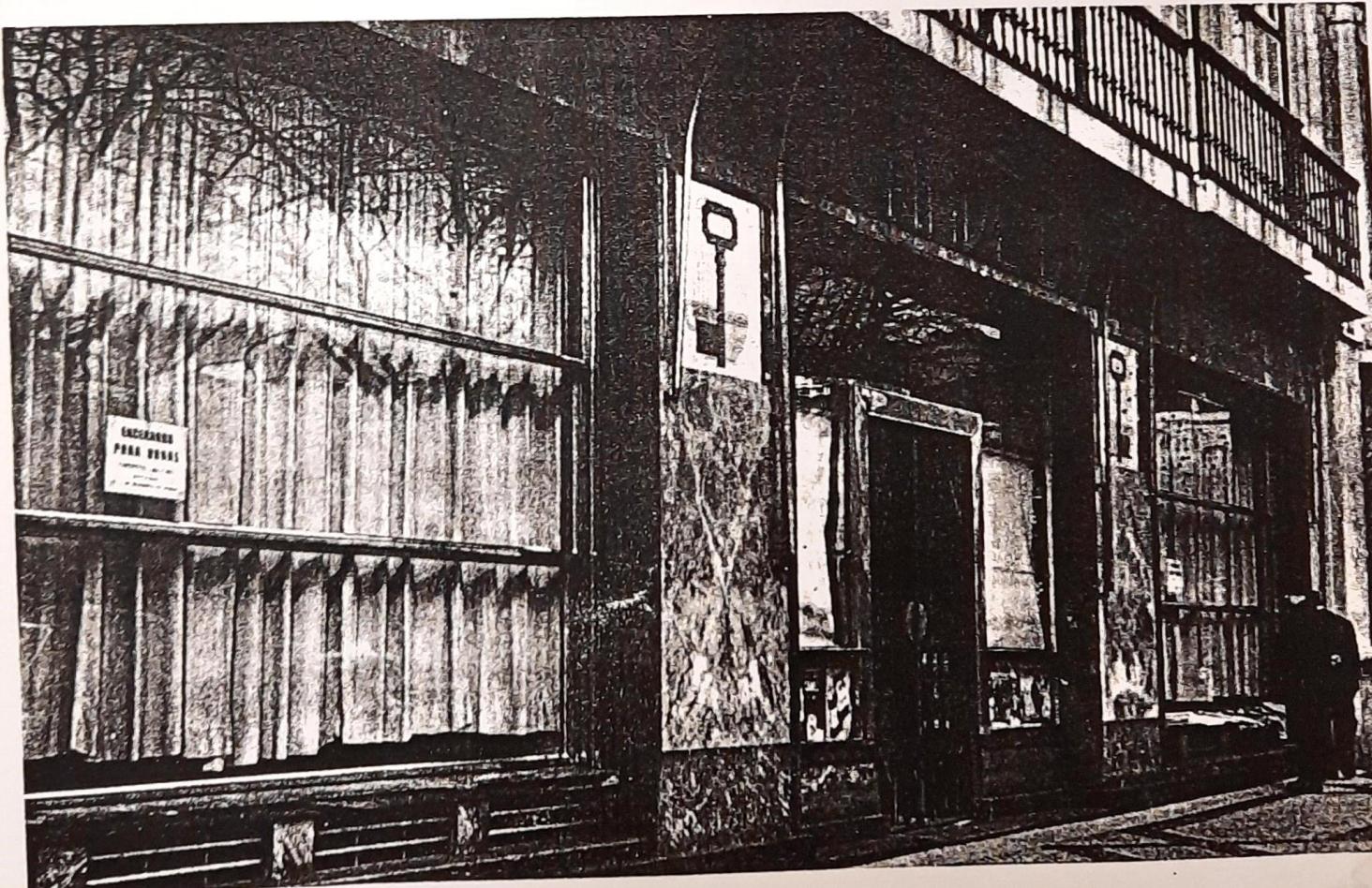
Aspecto parcial da sala. Ao fundo a biblioteca do Dr. António Maria Pires

Interiores de café: os bilhares do Gelo nos anos 20 e do Chave d'Ouro nos anos 30 (à esquerda). Em baixo, a galeria do Café Portugal, sobre a cave, e a do Chave d'Ouro, com primeiro andar

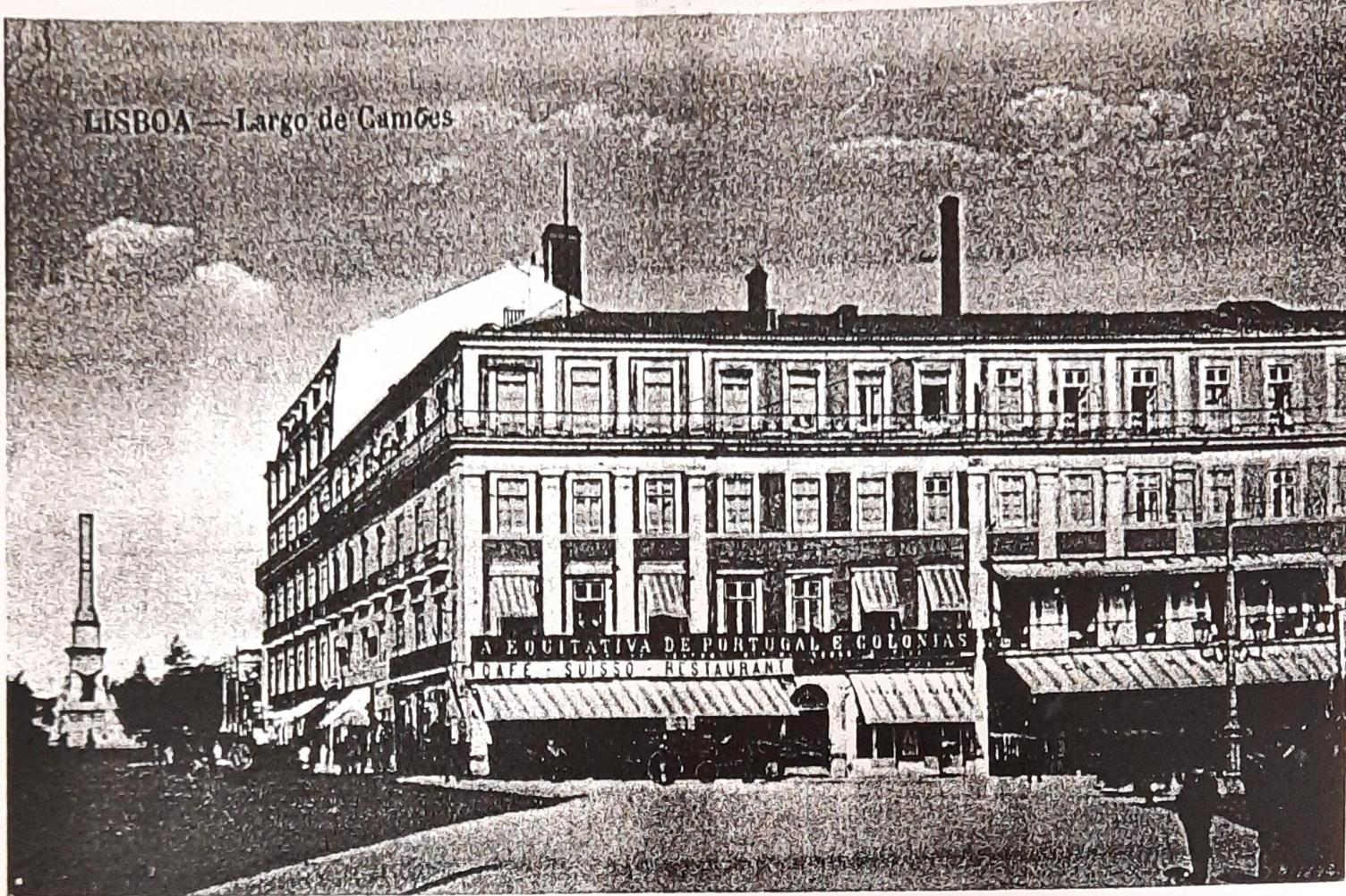




Encerrados para sempre, o Portugal (de 1938) e o Chave d'Ouro (de 1916).
No final dos anos 50 os principais cafés começam a dar lugar às dependências bancárias



Ao lado do Suisso, uma barbearia com fachada arte-nova. A seguir, o Martinho



O Martinho da Arcada, o café mais antigo de Lisboa

Os Cafés e o Xadrez na Cidade do Porto

A semelhança do que aconteceu em Lisboa, a prática do xadrez no Porto iniciou-se nos Cafés em meados do século XIX. Anteriormente o xadrez era praticado na Corte e nos salões dos palácios da nobreza e das famílias ricas, isto porque, os botequins e os raros Cafés que existiam eram húmidos, frios, de fraca iluminação e pouco confortáveis.

Os Cafés mais antigos que se conhecem eram os botequins: Portas dos Carros e o Hortas junto à estação de S. Bento e que remontam ao ano de 1820. Seguem-se os Cafés; o Comércio iniciado em 1833; o célebre Águia d'Ouro na Praça da Batalha, que em 1931 abriria com um novo visual; em 1845 o Suisse de uma grande qualidade, local onde se jogava o bilhar, o xadrez, damas, o dominó e o boston. Na década dos anos 20, do século XX, passou para outro edifício na Rua Sampaio Bruno. Encerrou finalmente em 1958; o luxuoso Guichard abriu em 1851 e acabou mais tarde em 1857; o Central surgiu em 1897 que depois de melhorado em 1933 passou a ser o Café Imperial local preferido dos intelectuais; em 4 de Maio de 1903 aparece A Brasileira que em 1930 beneficia de um novo espaço mais amplo e com um novo visual. Por aqui passaram figuras ilustres nomeadamente Fernando Pessoa, Mário Sá-Carneiro, Guerra Junqueiro e Augusto Gil. No ano 2000 foi absorvido por uma instituição bancária.

Em 1904 aparece o Café Porto – Clube na Rua Fenianos. Foi neste local que “nasceu” o **Clube Fenianos Portuenses**, fundado em 25 de Março de 1904. Este clube foi palco de vários torneios nomeadamente o I Porto-Coimbra em 1940; em 1944 realizou-se o encontro a duas voltas, entre este clube e o Grupo de Xadrez Alekhine e em 1955 a equipa C do clube venceu a taça Director do Centro Universitário; a seguir surge o Lisbonense na Rua do Bonjardino onde se jogava o xadrez, o bilhar, e o dominó e se podia ouvir boa música tocada por uma orquestra; o Chave d’Ouro inaugurado em 1920; em 10 de Janeiro de 1930 é inaugurado o imponente **Monumental** na Avenida dos Aliados com uma orquestra, bilhares e xadrez. Neste Café, em 1940, instala-se o **Grupo de Xadrez do Porto**. No ano de 1995 o **Monumental** foi transformado num restaurante da cadeia McDonald’s. Dois anos mais tarde, em 1997, surge o Astória e um ano depois o Guarany que passou a um Banco em 1972.

Outro Café o **Palladium** foi inaugurado com pompa e circunstância em 2 de Novembro de 1940 num local privilegiado na zona da baixa precisamente na esquina da Rua de Santa Catarina e da Rua Passos Manuel. No final da década de 70 encerrou as suas portas para dar lugar ao megastore da FNAC e à grande loja de roupas da cadeia C&A.

Os Cafés e o Xadrez na Cidade do Porto

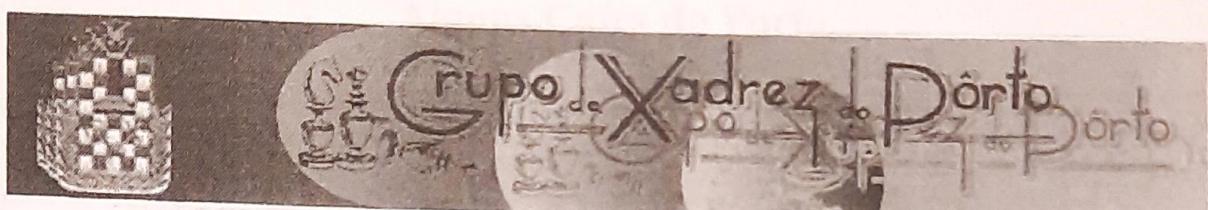
A semelhança do que aconteceu em Lisboa, a prática do xadrez no Porto iniciou-se nos Cafés em meados do século XIX. Anteriormente o xadrez era praticado na Corte e nos salões dos palácios da nobreza e das famílias ricas, isto porque, os botequins e os raros Cafés que existiam eram húmidos, frios, de fraca iluminação e pouco confortáveis.

Os Cafés mais antigos que se conhecem eram os botequins: Portas dos Carros e o Hortas junto à estação de S. Bento e que remontam ao ano de 1820. Seguem-se os Cafés; o Comércio iniciado em 1833; o célebre Águia d'Ouro na Praça da Batalha, que em 1931 abriria com um novo visual; em 1845 o Suisse de uma grande qualidade, local onde se jogava o bilhar, o xadrez, damas, o dominó e o boston. Na década dos anos 20, do século XX, passou para outro edifício na Rua Sampaio Bruno. Encerrou finalmente em 1958; o luxuoso Guichard abriu em 1851 e acabou mais tarde em 1857; o Central surgiu em 1897 que depois de melhorado em 1933 passou a ser o Café Imperial local preferido dos intelectuais; em 4 de Maio de 1903 aparece A Brasileira que em 1930 beneficia de um novo espaço mais amplo e com um novo visual. Por aqui passaram figuras ilustres nomeadamente Fernando Pessoa, Mário Sá-Carneiro, Guerra Junqueiro e Augusto Gil. No ano 2000 foi absorvido por uma instituição bancária.

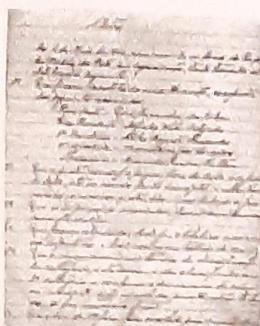
Em 1904 aparece o Café Porto – Clube na Rua Fenianos. Foi neste local que “nasceu” o **Clube Fenianos Portuenses**, fundado em 25 de Março de 1904. Este clube foi palco de vários torneios nomeadamente o I Porto-Coimbra em 1940; em 1944 realizou-se o encontro a duas voltas, entre este clube e o Grupo de Xadrez Alekhine e em 1955 a equipa C do clube venceu a taça Director do Centro Universitário; a seguir surge o Lisbonense na Rua do Bonjardino onde se jogava o xadrez, o bilhar, e o dominó e se podia ouvir boa música tocada por uma orquestra; o Chave d'Ouro inaugurado em 1920; em 10 de Janeiro de 1930 é inaugurado o imponente **Monumental** na Avenida dos Aliados com uma orquestra, bilhares e xadrez. Neste Café, em 1940, instala-se o **Grupo de Xadrez do Porto**. No ano de 1995 o **Monumental** foi transformado num restaurante da cadeia McDonald's. Dois anos mais tarde, em 1997, surge o Astória e um ano depois o Guarany que passou a um Banco em 1972.

Outro Café o **Palladium** foi inaugurado com pompa e circunstância em 2 de Novembro de 1940 num local privilegiado na zona da baixa precisamente na esquina da Rua de Santa Catarina e da Rua Passos Manuel. No final da década de 70 encerrou as suas portas para dar lugar ao megastore da FNAC e à grande loja de roupas da cadeia C&A.

Sinais do tempo (...). Este importante e grandioso Café era composto por 4 pisos; no 2º andar funcionavam 11 bilhares (!); no 1º andar praticava-se o xadrez. Foi neste amplo espaço que se instalou o **Grupo de Xadrez do Porto** proveniente do Café **Monumental**. A sala de xadrez do G.X.P era de grande qualidade, sobretudo, porque era confortável e com mesas próprias para a prática de xadrez, em mogno e as peças de xadrez eram em madeira bem trabalhadas.



Fundado em 6 de Maio de 1940



Acta da Fundação do
G.X.P de 6.05.1945



Jacinto Alves, figura
emblemática do G.X.P.



Relógio utilizado na
década de 40 pelo G.X.P.

Enfim, um grupo de xadrez de alto nível. Em 1 de Setembro de 1941 acontece a visita de Alexandre Alekhine ao **Grupo de Xadrez do Porto**. Na sua estada no Porto Alekhine conduziu duas sessões de simultâneas no primitivo Casino de Espinho. Em 1942 tem lugar o importante torneio Principal do Porto. Com o encerramento do Palladium o **Grupo de Xadrez do Porto** transferiu-se para o 1º andar do prédio nº 183, na Rua Passos Manuel.

O único Café sobrevivente é o Magestic inaugurado em 1921 localizado na Rua Santa Catarina. Este Café tem vindo a ser beneficiado, em termos de qualidade, para se adaptar às necessidades exigidas pelos progresso.

É justo recordar-se Jacinto Alves figura emblemática do Grupo de Xadrez do Porto, ainda hoje na memória de todos aqueles que conviveram com ele. Conheci

“O Amizade” creio em meados dos anos 50. Saudou-me na sua maneira habitual; «Então como está O Amizade?» Não me esqueço do primeiro encontro com ele que conservo na minha memória. Não estou certo se foi no Grupo de Xadrez de Lisboa, então instalado na Sociedade de Geografia de Lisboa, se no Porto durante algum torneio numa das minhas deslocações àquela cidade.

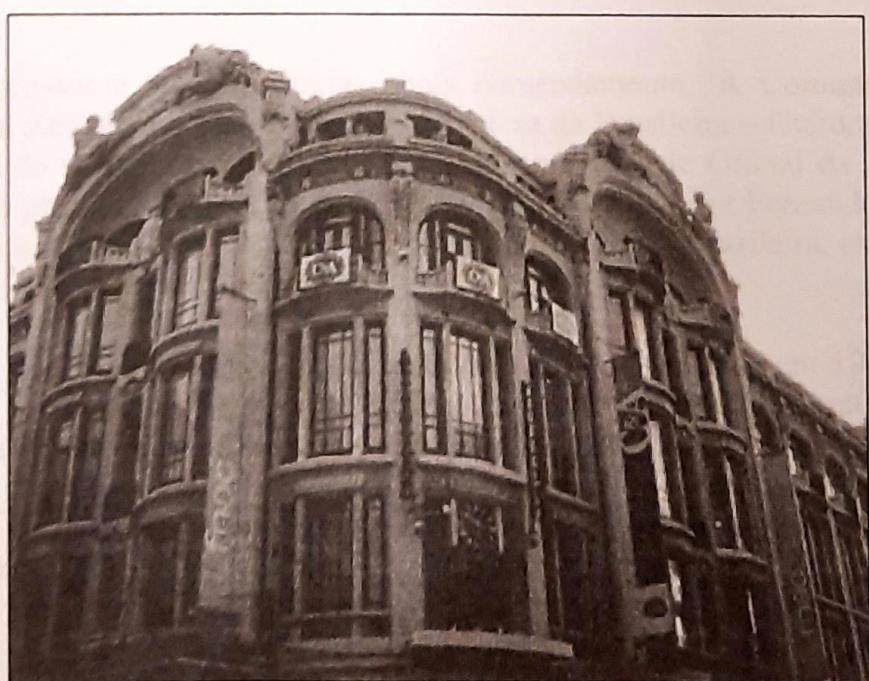
Alguns Cafés do Porto



Café Monumental



Café Suisse



Visual do Café Palladium

OS CAFÉS E A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA NA CIDADE DE COIMBRA

Os Cafés mais conhecidos que desapareceram na cidade de Coimbra foram: O Mandarim encerrado no final do século XX para dar lugar a um restaurante da cadeia Mc Donald's; o Arcádia, local predilecto de intelectuais e académicos. O escritor Miguel Torga foi um dos frequentadores mais assíduos. Nos anos 90 passou a uma loja franchisada de roupas. Estes dois Cafés funcionavam na Rua Ferreira Borges no coração da cidade; a Brasileira também localizada naquela artéria foi durante várias décadas cenário de tertúlias, saraus políticos, culturais e xadrezísticos. O advogado Alberto Vilaça, falecido em 21 de Maio de 2007, representou a figura mais popular e distinta que militou no Café ao longo de vários anos.



Alberto Vilaça tinha 70 anos

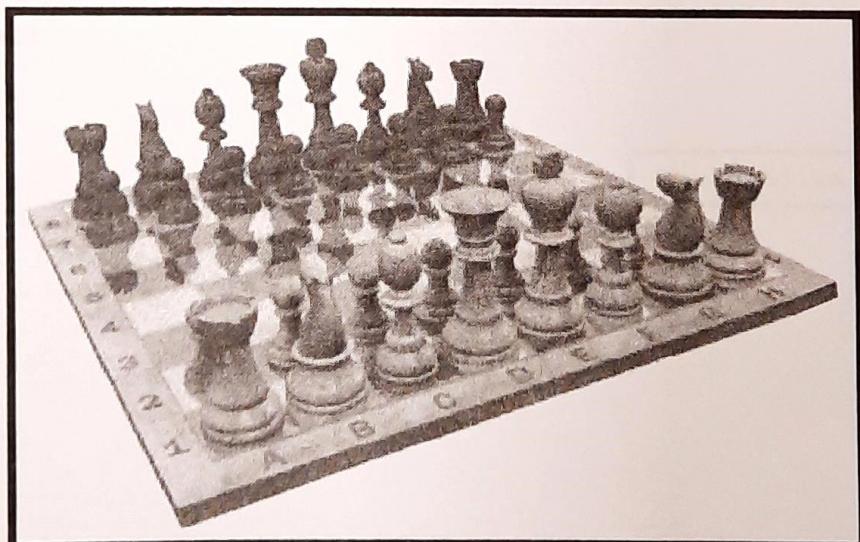
Político, professor e autor de várias obras nomeadamente “A Comuna de Paris e a I Internacional Revisitadas em Portugal” e “À Mesa da Brasileira – Cultura e Bom Humor”. Foi distinguido pelo Presidente da República como Grande Oficial da Liberdade. Outra figura ilustre presente nas tertúlias era o Prof. Abílio Hernandez Fernandes que costumava dizer que “era ali que cultivávamos amizades”. Em 1995 A Brasileira, ex-libris da cidade, não resistiu à fúria do materialismo.

Em meados dos anos 40 o Grupo de Xadrez de Coimbra, criado em 1943, localizado no Clube Tiro e Sport, na Cruz de Celas, nos arredores da cidade, transferiu-se para A Brasileira com todo o seu património e a maioria dos seus sócios. Em 1950 o Grupo de Xadrez de Coimbra extinguiu-se e o seu respectivo património foi adquirido pela Associação Académica de Coimbra. Neste mesmo ano realizou-se o 1º Torneio Inter – Regional Lisboa – Porto – Coimbra.



A Academia de Coimbra iniciou-se em 1537. Em 1813 funcionou no andar térreo do Colégio S. Paulo Eremita ou Colégio dos Paulistas na Rua Larga. No 1º andar estava instalado o Instituto de Coimbra conhecido pelo Clube dos Lentes (A Academia de Coimbra de Alberto Lami). A Academia de Coimbra em 1887 deu lugar à Associação Académica de Coimbra.

Actualmente a Secção de Xadrez da Associação Académica de Coimbra ocupa o 2º piso do Edifício da Universidade. Na década de 90 e devido ao acréscimo de praticantes da modalidade foram criadas duas novas equipas dentro da Secção de Xadrez da A. A. C.: o Grupo de Xadrez de Coimbra e as Esperanças da Académica. Há mais de 10 anos a S.X.A.A.C., mantém a aprendizagem de xadrez destinada a crianças e jovens.



Trabalhos literários do autor:

O Mutualismo e o Xadrez
As Oito Facetas do Xadrez
Os Cafés e o Xadrez
O Xadrez de Alta Competição
O Xadrez Recreativo
O Xadrez e o Computador
O Xadrez por Correspondência
Dezoito Lances de Xadrez Relevantes
A Partida Livre
Damiano, O Português e a sua Obra (A)
José Raúl Capablanca. O Cavaleiro Altruista (a)
João Paulo II. O Cavaleiro da Imaculada (a)
Napoleão Bonaparte. O Cavaleiro do Apocalipse (a)
Leon Tolstoi. O Cavaleiro da Paz (a)
Antero de Quental. O Cavaleiro Andante
Alberto Einstein. O Cavaleiro Emigrante (a)
Ernesto Che Guevara. O Cavaleiro Revolucionário (a)
A Personalidade Multifacetada do Prof. Doutor Egas Moniz (a)
Rui de Carvalho Nascimento. Uma Vida Dedicada ao Xadrez
Damiano esse Ilustre Desconhecido (a)
A Actividade Escaquística de Baldaque da Silva
O Problemismo
A História do Xadrez Nacional em cinco volumes

(A) Autor do primeiro tratado de xadrez editado em Roma em 1512. Biblioteca Nacional
cota BA 13590 V

(a) Jogador de Xadrez

Mário Silva Araújo